

Marias
de
pedra e mel
Iara Sydenstricker

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2023

MARIA DA PENHA

QUANDO MENINA, estupraram sua inocência, sua voz, seu desejo. Cedo entendeu que virgindade é privilégio e que a sua lhe fora negada desde o nascimento. Ficou estéril, mais um motivo para que dela abusassem sem consequências.

Enterrou sonhos à mesma medida que seu corpo foi socado pelo uso diário do pilão e pelas pauladas que recebia. Silenciada pela máscara de ferro sobre a boca, aprendeu a não falar.

Capinou, ensacou, plantou. Lavou, torceu, engomou e passou vestes que jamais usaria. Aferventou o caldo da cana a lhe respingar durante décadas os braços e o rosto espremido pelo horror a

IARA SYDENSTRICKER

que foi exposta. Ainda assim, guiou-se pela crença de que em algum lugar haveria almas como a sua.

Amou o homem que a ela ofertou a única carícia que conheceu. Ele a ensinou a esperar a morte antes de ser assassinado no tronco. Durante anos, Maria dedicou-se a preparar sua própria cova ao lado da morada do amante. Plantou flores ao redor. Eram as duas mais lindas casas do paraíso, diziam-lhe os mortos, testemunhas dos uivos de dor que ela emitia aos finais das tardes de domingo diante do jazigo.

Forte, dura, resistente, logrou viver muito tempo. Depois, virou montanha. Sedimentou-se sobre sua cova e pôs-se a derreter. Aos poucos, diminuía, desidratava-se, desfazia-se. Ninguém notou, mas os peixes a viram escoar, punhado a punhado, em suas águas. Embaixo de sua tumba, erguia um reino tingido pela terra que carreava no desfazer de seu imenso corpo rochoso em lenta liquefação.

Em seu ocre mundo novo, finalmente conheceu a paz. Adotou plantas e seres marinhos, visitantes de todos os dias. Fome não sentia. Nem dor, nem medo, nem ofensa. Vez ou outra ouvia, ao longe,



Maria da Penha

sussurros de pássaros e de ventanias a embalarem
gritos de socorro. Não lhes deu importância.

Imersa naquelas águas, agradecia maravilhada
sua robustez de pedra e o rosto liberto, no qual ou-
sou um sorriso e batom.



MARIA DO ROSÁRIO

Maria do Rosário

AO REZAR A DÉCIMA nona unha da última cliente do dia, já não a distinguia de suas santas. Rogava tanto à senhora de mãos espichadas à sua frente, como às pálidas mães sagradas dispostas sobre o filtro de barro no canto do salão. Desde as oito da manhã sentada diante de suas sinhás, somava por dia mais de trezentas unhas cortadas, lixadas, descarnadas, pintadas. A cada dedo, Salve Rainha. Mãos terminadas, Pai Nosso que estás nos céus. Livre dos pés, Ave Maria! Em troca, “Deus te abençoe, minha filha”. Afinal, era mirrada, trabalhadora, quieta, humilde. Em sua condição, merecia ser feliz.

IARA SYDENSTRICKER

Mas não era. Queria ser. E haveria de ser com fé em Nosso Senhor do Bonfim e na boa vontade do ortopedista de plantão. Quando podia, roubava cinco minutos da jornada diária para esticar-se, beber água, olhar recados ao celular e logo retomava a obrigação.

Paciente diante dos pés calosos da madame da vizinhança, ouvia sua ladainha nutricional, seus pecados gastronômicos, a pirraça da balança viciada, a incompreensão do médico. Ela bem que podia me dar um daqueles canapés sem glúten que traz na *bag* térmica. Alcaparras, palmito e salmão. Muito dignos: cheiro e sabor de riqueza.

Na hora do almoço, corria até o banheiro enquanto as colegas esquentavam marmitas e disputavam um lugar à bancada do micro-ondas. Comia de pé em troca de um tempo sem batidas à porta da sua intimidade. Sob sol forte, encontrava conforto embaixo da sua linda árvore de estimação, a única restante na rua, onde almoçava sanduíches de sardinha.

Certa manhã, encontrou sua amiga verde ceifada. Desfeita, retalhada. A inveja nunca tolerou

Maria do Rosário

exuberâncias. No mesmo dia foi demitida por arrancar um bife do mindinho da gerente do salão.

Revolucionou-se. Largou miudezas e foi trabalhar com outras escalas. O vazio da árvore impulsionou sua plantação de mudas. Elegeu as magníficas, que lhe foram arrancadas junto com a infância. Amendoeiras, cajazeiras, mangueiras, jaqueiras. Autorizou-as a renascerem nos mesmos locais de seus abates.

Depois, contemplou a nova paisagem, onde brotaram majestosos troncos, galhos e folhas em rodovias, viadutos e avenidas, por dentro de prédios, estacionamentos, igrejas e outras quinquilharias mercantis.

Deitada sobre a copa da árvore ressuscitada na casa em que nasceu, voltou a sorrir para nuvens que lhe acenavam felicidade.

Assim, virou Iroko¹.

Uma vez Tempo, rompeu seu rosário. As contas, lançou-as longe, aos pés das nossas senhoras que abandonara no salão.

1. Iroko ou Tempo é um orixá.

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Utopia Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em janeiro de 2023.
